FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 29/12/2022 - 05:59

STF suspende armas no DF na posse, que terá reforços

Dino e Múcio expõem divergências sobre atos

Indicados para comandar Justiça e Defesa adotam discursos diferentes sobre manifestações em frente a quartéis

Victoria Azevedo, Cézar Feitoza e Thaísa Oliveira

BRASÍLIA A equipe do presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), tem divergido sobre como lidar com as manifestações antidemocráticas em frente ao quartel-general do Exército, em Brasília.

De um lado, aliados liderados pelo futuro ministro da Justiça, Flávio Dino (PSB), defendem uma posição mais forte pela desmobilização do acampamento até o dia 1º, quando será realizada a cerimônia de posse. Para eles, a gota d'água foi a tentativa de atentado com explosivo no Aeroporto Internacional de Brasília no último sábado (24).

Há uma preocupação ainda com possíveis manifestações contrárias à eleição de Lula que podem ocorrer no dia da posse. Membros da PRF (Polícia Rodoviária Federal) tiveram acesso a vídeo que mostram caravanas de bolsonaristas deixando Porto Alegre rumo ao Distrito Federal —o que eleva ainda mais a pressão para a desmobilização do acampamento.

Indicado para comandar o Ministério da Defesa, José Múcio Monteiro tem divergido da linha adotada por Dino e pelo futuro diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Passos.

Múcio pondera que deve ocorrer uma costura delicada para evitar novos atritos. O objetivo, justifica Múcio a interlocutores, é criar uma saída "pactuada" sem necessariamente a retirada compulsória dos manifestantes. Ele tem argumentado ainda que o ambiente atual é hostil e que é preciso apostar no diálogo.

A divergência do tom transpareceu nesta semana. Um dia após a tentativa do atentado, Flávio Dino publicou nas redes sociais que os acampamentos "viraram incubadoras de terroristas". Dois dias depois, Múcio afirmou que os atos têm sido "pacíficos".

As declarações de Múcio foram dadas ao lado de Dino, que voltou a enquadrar o ocorrido no sábado em Brasília como "terrorismo".

Segundo relatos, o próprio Lula compartilha da visão de que é necessário desmobilizar o acampamento o quanto antes. De acordo com aliados do petista, ele tem expressado que os manifestantes estão expansivos, se sentindo empoderados e confortáveis.

Além disso, Lula disse a aliados que o acampamento no QG representa uma espécie de teste de autoridade de seu governo e que, por isso, ele precisa ser desmobilizado.

Para auxiliares de Lula, uma coisa é certa: caso o acampamento não seja desmontado até a posse, ele o será na próxima semana. Se necessário, com a retirada compulsória.

Interlocutores de Lula afirmam que receberam recados de auxiliares do presidente Jair Bolsonaro (PL) de que o acampamento em frente ao QG do Exército deverá ser desmobilizado completamente até esta quinta (29).

Integrantes do Exército, no entanto, dizem que as estruturas devem ser retiradas quase na sua totalidade até sexta (30), mas que não é possível evitar manifestantes no local.

Flávio Dino se reuniu nesta semana com o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), para falar de questões de segurança relativas à posse. Na ocasião, eles trataram do acampamento dos bolsonaristas. Também participaram Múcio, Andrei Passos e o secretário de Segurança Pública do Distrito Federal, Júlio Danilo.

Segundo relatos de pessoas com conhecimento da reunião, Múcio afirmou que recebeu um recado de interlocutores de Bolsonaro de que o chefe do Executivo deixaria uma carta antes de embarcar ao exterior na qual agradeceria a defesa de seus apoiadores e pediria para eles voltarem para suas casas.

Na visão dele, seria um sinal de que a situação pode ser resolvida de forma pacificada. Até o momento, não houve a divulgação pelo Planalto de mensagem com esse teor.

Generais do Alto Comando do Exército e da reserva afirmaram à **Folha** que há uma avaliação na caserna de que o silêncio de Bolsonaro dificulta a desmobilização.

Eles afirmam que somente o presidente teria o poder de reconhecer a derrota e comunicar aos apoiadores que não haveria razão para pedidos de intervenção militar.

Segundo interlocutores, essa insatisfação, as críticas de bolsonaristas à atuação das cúpulas militares e os diversos apelos para desmobilizar os acampamentos desagradaram o general Freire Gomes, comandante do Exército.

Essas seriam as principais razões para o comandante pedir a saída antecipada. A avaliação é que o general de Exército Júlio César de Arruda poderá conduzir melhor as demandas.

Bolsonaro nomeia escolhido por Lula para comandar Exército

O presidente Jair Bolsonaro (PL) assinou, em ato publicado no Diário Oficial da União desta quarta-feira (28), a nomeação do general Júlio Cesar de Arruda como comandante interino do Exército. Arruda foi escolhido pelo presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A nomeação definitiva dele deve ser assinada depois da posse de Lula, neste domingo (1º). Também nesta quarta, Bolsonaro exonerou do cargo de comandante de Operações Navais o futuro comandante da Marinha, almirante de esquadra Marco Sampaio Olsen. A troca de comando antes da posse já era esperada —ela deve ocorrer em cerimônia nesta sexta-feira (30).

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Pagina:** 7

Copyright © Clipclap 2025.